

ONG alerta para possíveis casos de racismo e homofobia nos Jogos Olímpicos

(Agência Brasil, 27/02/2016) A organização não governamental (ONG) Fare Network fez durante todo mês de fevereiro uma campanha global para chamar a atenção para a homofobia no futebol. O Football v Homophobia é uma iniciativa que desde 2010 busca promover ações positivas contra a discriminação com base na identidade de gênero no esporte. Em 2016, cerca de 20 grupos europeus - entre clubes, ligas e ONGs - aderiram à campanha e organizaram atividades relacionadas à luta contra a homofobia em diversos países europeus.

Agora, a preocupação da organização é com a Olimpíada no Brasil. A ONG acompanhou de perto a Copa do Mundo de 2014, no Rio de Janeiro, e fez um relatório listando 14 incidentes. A entidade já entrou em contato com a organização Rio 2016 se oferecendo para acompanhar de perto os Jogos Olímpicos.

A Fare Network explica que a preocupação com o Brasil leva em conta a diversidade étnica do país. “Uma sociedade multiétnica como a do Brasil não é geralmente associada a questões de discriminação, mas esta ideia contrasta com uma realidade de uma população racialmente diversificada, mas economicamente estratificada em que o racismo é muito presente. Em 2013, a ONU disse que o racismo no Brasil permanece institucionalizado e injustiças históricas continuam a afetar profundamente a vida de milhões de brasileiros.”

Racismo

“O racismo é e tem sido uma parte do esporte brasileiro, não apenas no futebol, mas vôlei e outros esportes e há uma série de exemplos que comprovam. Atletas de futebol ou handebol brasileiros também foram submetidos ao racismo ao jogar no exterior”, afirma a Fare Network.

A antropóloga brasileira Ana Paula Silva, autora do livro *Pelé e o Complexo de Vira-Latas: Discursos sobre Raça e Modernidade no Brasil*, explica que a discriminação não é específica do contexto brasileiro, mas de uma visão de esporte.

“O esporte, que acaba sendo identificado com a nação, não comporta a diversidade. A noção de que a construção da nação é uma representação viril e eugênica passa também para as modalidades que são identificadas como a nação”, disse. “Nessa visão de que existe uma “guerra” em campo, as armas utilizadas, geralmente, pelas torcidas, são as ofensas racistas, homofóbicas, xenófobas etc.”, acrescentou.

Homofobia

A Fare Networking também faz um alerta específico em relação à homofobia e ao machismo no país. “Em 2014, de acordo com grupos de direitos LGBT [Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros] no Brasil, o ritmo de assassinato de homossexuais e transexuais estava perto de um por dia. Incidentes homofóbicos foram testemunhados nos estádios de futebol durante e depois da Copa do Mundo de 2014 e tem havido pouca resposta.”

Apesar do alerta, a ONG acredita que esses eventos são uma oportunidade para aprofundar as discussões sobre direitos humanos e questões de discriminação e deixar um “legado social no país”.

Já a antropóloga Ana Paula defende que é preciso muito mais trabalho para mudar o contexto atual. “Não sei se campanhas como abertura de faixas contra a homofobia ou racismo melhorariam a situação. O que talvez minimizasse esses problemas seria a desconstrução dos esportes nacionais. Nesse sentido, as categorias cor/raça, sexualidade, gênero, classe, entre outras, são combustíveis que quando acionadas transformam-se em xingamentos, particularmente da torcida adversária”, explica.

Para ela, a questão econômica também influencia o debate sobre racismo e homofobia. “Essas questões têm elos mais profundos e que só mudando a perspectiva dos esportes pode ser que alguma coisa mude a longo prazo. Resta saber se os grandes investidores dos megaeventos esportivos estão, de

fato, interessados nessas mudanças.”

Denúncias

A Fare Networking afirma que, até por ser uma organização europeia, ainda não recebeu denúncias brasileiras. Mas que compila mensalmente incidentes no futebol pelo mundo, inclusive os ocorridos no Brasil, que são noticiados em redes sociais e pela mídia. A organização informa que, caso alguém presencie algum incidente, pode denunciar pelo *site* da entidade. A ONG acrescenta que está implementando um projeto mundial com a Federação Internacional de Futebol (Fifa) para observar práticas discriminatórias nas eliminatórias para o Mundial de 2018.

Patrícia Serrão; Edição: Gésio Passos e Talita Cavalcante

Acesse no site de origem: [ONG alerta para possíveis casos de racismo e homofobia nos Jogos Olímpicos \(Agência Brasil, 27/02/2016\)](#)

Transgêneros poderão competir no Rio 2016 sem necessidade de cirurgia

(Terra, 25/01/2016) O Comitê Olímpico Internacional (COI) liberou atletas transgêneros a competirem nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro de 2016 sem necessidade de cirurgia. Em comunicado divulgado no site oficial, a entidade ressaltou que no caso dos eventos voltados para mulheres, os atletas terão que demonstrar que o nível de testosterona está dentro dos limites permitidos para a competição. Já nas categorias masculinas, não haverá restrições quanto a participação.

Leia mais:

[Obrigada a jogar com homens, atleta transgênera comemora decisão do COI \(O Globo, 27/01/2016\)](#)

[Assinatura do Compromisso para garantir trabalho decente nas Olimpíadas 2016 tem a participação da SPM \(SPM, 20/01/2016\)](#)

A entidade divulgou o comunicado no último domingo após a informação ter sido antecipada pela revista online Outsports, que teve acesso a documentos durante uma discussão realizada em novembro de 2015.

O comunicado oficial do COI reconheceu a necessidade de inclusão dos atletas nas categorias. “É necessário assegurar que atletas transgêneros não sejam excluídos da oportunidade de participar de competições esportivas”, diz um dos tópicos da nota.

O Comitê também reconheceu que a regra anterior era desnecessária. “Requerer uma cirurgia anatômica como algo imprescindível para preservar a competição não é necessário, e é inconsistente com o desenvolvimento das leis e as noções de direitos humanos”.

Anteriormente, os atletas transgêneros eram obrigados a fazer a cirurgia e ainda tinham que realizar um período de dois anos de tratamento com hormônios para que a troca de gênero fosse reconhecida legalmente. Com a nova regra, diversos competidores ganharão uma nova chance de participar das Olimpíadas de 2016.

Acesse no site de origem: [Transgêneros poderão competir no Rio 2016 sem necessidade de cirurgia \(Terra, 25/01/2016\)](#)

Comitê Rio 2016 assume

compromisso com o respeito aos direitos LGBT e igualdade de gênero e raça

(Rio 2016, 04/09/2015) Jogos Olímpicos e Paralímpicos terão pins da diversidade que serão lançados em novembro

O Comitê Organizador dos Jogos Rio 2016 assinou nesta sexta-feira (4) dois documentos nos quais assume compromissos com igualdade de gênero e raça, e mais os direitos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros). Também foram divulgados os pins da diversidade, que estarão disponíveis no mercado a partir de novembro. Participaram da cerimônia de assinatura o diretor geral do Comitê Rio 2016, Sidney Levy; a coordenadora-geral de Autonomia Econômica para mulheres, Simone Schäffer; e Reinaldo Bulgarelli, secretário geral do Fórum das Empresas e Direitos LGBT.

Leia mais: [*Igreja que aceita homossexuais inaugura templo para 800 pessoas em Madureira \(O Globo, 07/09/2015\)*](#)

No protocolo Pró-equidade de Gênero e Raça foi estabelecida uma relação de parceria e cooperação entre a Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM/PR) e o Comitê Rio 2016. O objetivo é aumentar os esforços para promover diálogo e ações que envolvem as questões de raça e gênero. Simone ressaltou a busca da secretaria pela equidade de gênero e raça e apresentou oportunidades para que as mulheres conquistem sua autonomia econômica. “Uma de nossas preocupações é a inserção das mulheres nesses espaços de trabalho que serão criados durante todo o período da realização dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos”.

No segundo documento, o Comitê adere ao Fórum de Empresas e Direitos LGBT e à agenda de trabalho expressa nos “10 Compromissos da Empresa com a Promoção dos Direitos LGBT”. A assinatura demonstra que o Comitê Rio 2016 está ciente que os Jogos são para todos os segmentos sociais e que

haverá atenção a todos os grupos. “Os Jogos Olímpicos e Paralímpicos já expressam esse valor da diversidade que há no mundo, inclusive a que considera a orientação sexual e identidade de gênero. São temas ainda complicados no mundo, mas a organização (Rio 2016) ao dizer isso (seu apoio à causa) expressa: nós efetivamente valorizamos a diversidade”, disse Bulgarelli.

Durante o evento foram divulgadas as imagens dos pins da diversidade. A líder do Grupo de Gênero do Comitê Rio 2016, Sylmara Multini, explica que não foi por acaso que os dois documentos foram assinados no mesmo dia. “Nós vemos diversidade realmente como um todo”. Segundo ela, o Comitê já trabalha internamente em prol do respeito à diversidade. “Mas a assinatura dos documentos revela a intenção de tornar isso mais evidente diante de parceiros, fornecedores e patrocinadores”.

PINs da Diversidade

Lançamento Novembro 2015



Pins da diversidade vão associar a imagem Rio 2016 às causas da igualdade de gênero e raça e aos direitos LGBT (Foto: Rio 2016)

Acesse no site de origem: [Comitê Rio 2016 assume compromisso com o respeito aos direitos LGBT e igualdade de gênero e raça \(Rio 2016, 04/09/2015\)](#)

Polícia Rodoviária faz parcerias para mapear pontos vulneráveis em estradas

(Câmara Notícias, 07/04/2015) Durante as Olimpíadas no Rio de Janeiro, além de atuar nos centros urbanos, a PRF, Polícia Rodoviária Federal, vai priorizar a repressão ao crime com “capilaridade” nas rodovias próximas ao evento, enfatizou Márcia Freitas, representante da PRF no debate sobre medidas para combater o turismo sexual nas Olimpíadas e Paralimpíadas de 2016, realizada na Câmara dos Deputados nesta terça-feira (7). Segundo ela, a PRF foi responsável pelo resgate de mais de quatro mil crianças em situação de vulnerabilidade nas estradas.

Acesse a íntegra no Portal Compromisso e Atitude: [Polícia Rodoviária faz parcerias para mapear pontos vulneráveis em estradas \(Câmara Notícias, 07/04/2015\)](#)

Governo e deputados defendem atuação em rede contra turismo sexual nas Olimpíadas

(Câmara Notícias, 07/04/2015) “O turismo sexual é a negação do turismo, na verdade isso é um crime que recentemente foi tipificado como crime hediondo [com a entrada em vigor da lei 12.978/04]. É um processo de dominação cruel, pois as crianças perdem sua condição de pessoa”, afirmou o

coordenador da Proteção à Infância do Ministério do Turismo, Adelino Silva Neto. “Para fazer frente ao crime, é necessário trabalhar de forma coordenada, com campanhas únicas, porém, articuladas”, defendeu Adelino.

Leia mais: [Polícia Rodoviária faz parcerias para mapear pontos vulneráveis em estradas \(Câmara Notícias, 07/04/2015\)](#)

Acesse a íntegra no Portal Compromisso Atitude: [Governo e deputados defendem atuação em rede contra turismo sexual nas Olimpíadas \(Câmara Notícias, 07/04/2015\)](#)

Igualdade de gêneros pode ajudar país na Olimpíada, aponta estudo

(Folha de S. Paulo, 02/11/2014) Nos Jogos de Londres, em 2012, todos os 204 países tiveram ao menos uma mulher em sua delegação. Arábia Saudita, Qatar e Brunei, que nunca haviam sequer inscrito uma atleta, participaram da Olimpíada com mulheres.

Este marco inédito mostra um dos fatores que podem ajudar um país a evoluir no quadro de medalhas de uma Olimpíada.

Segundo estudo da Universidade da Columbia Britânica (UBC), de Vancouver, no Canadá, a igualdade de gêneros é dos principais aspectos que turbina a conquista de medalhas em olimpíadas.

No trabalho, os pesquisadores da Escola de Negócios da UBC compararam os feitos olímpicos de 121 países em Londres-2012 e nos Jogos de Inverno de Sochi-2014 com a análise destas nações no Relatório Global sobre Desigualdade de Gênero, do Fórum Econômico Mundial de 2013.

Para saber a importância do impacto da igualdade de gêneros, eles isolaram este de outros fatores, como renda, produto interno bruto, população e latitude (posição geográfica do país), índices normalmente utilizados para explicar o sucesso olímpico.

“Todos os fatores são importantes e desempenham papéis únicos na previsão de medalhas”, explica a professora Jennifer Berdahl à Folha.

Obviamente, uma potência olímpica não se define apenas pela igualdade de gênero, ou a Islândia seria a maior campeã dos Jogos seguida de Finlândia, Noruega e Suécia, conforme o ranking do Fórum Econômico Mundial de 2013.

“Mas a igualdade de gênero foi o mais significativo e robusto no prognóstico de sucesso olímpico de um país após o produto interno bruto”, diz a autora do estudo que será publicado em janeiro.

Segundo ela, países com maior igualdade de direitos entre homens e mulheres na política, educação, saúde e expectativa de vida chegam mais ao pódio nos Jogos.

Um dado que surpreendeu a autora do estudo foi o fato de a igualdade também beneficiar o resultado masculino.

Para Berdahl, a explicação seria o fato de que em “sociedades com rígidos papéis de gênero, as mulheres são incentivadas a serem recatadas e os homens considerados femininos são deixados de fora do esporte cedo”.

Assim, com a igualdade, todos acabam vencendo.

Marcel Merguizo

Acesse o PDF: [Igualdade de gêneros pode ajudar país na Olimpíada, aponta estudo \(Folha de S. Paulo, 02/11/2014\)](#)